



## ESTA AMÉRICA NUESTRA (2007): O DIÁLOGO EPISTOLAR ENTRE GABRIELA MISTRAL E VICTORIA OCAMPO

Jacicarla Souza da Silva <sup>1</sup>

Nomes como o de Gabriela Mistral (1889-1957), ganhadora do primeiro Prêmio Nobel de literatura latino-americana, e o de Victoria Ocampo (1890-1979), fundadora da revista *Sur*, um dos periódicos mais influentes do cenário latino-americano no século XX, demonstram, juntamente com outras grandes personalidades femininas, a importância das mulheres no espaço intelectual da América Latina no século XX. As duas autoras irão nutrir uma amizade que perdurará por mais de 30 anos. Devido ao grande número de viagens realizadas por ambas e também às próprias condições de comunicação daquele período, não é de se estranhar que o contato entre elas será estabelecido de maneira intensa por meio de cartas. Esse forte laço mantido entre as escritoras pode ser observado na publicação *Esta América nuestra* (2007), organizada por Elizabeth Horan e Doris Meyer, que reúne correspondências trocadas entre Ocampo e Mistral durante o período de 1926 e 1956.

Diferentemente de Gabriela Mistral, Victoria Ocampo não se dedicou à poesia. Ela exercitou com afinco o ensaio em primeira pessoa, ou melhor, o gênero autobiográfico e testemunhal. Tais textos foram recopilados e totalizam mais de dez tomos sob o título *Testimonios*, publicados entre 1939 e 1977. Beatriz Sarlo (1998) destaca que, ao fundar a revista *Sur*, Ocampo teria sido a primeira mulher a tomar uma iniciativa cultural-institucional que afetava destinos intelectuais masculinos. Ela ajudou, inclusive, a criar a *Unión de Mujeres Argentinas*, em 1936, tendo no ano seguinte contado com a colaboração de Gabriela Mistral, a pedido de Victoria. As conquistas dessa importante figura feminina na Argentina, não foram poucas. Dois anos antes de sua morte, ela é eleita como membro da Academia de Letras Argentina, tornando-se a primeira mulher no seu país a ocupar essa posição.

A chilena Lucila Godoy y Alcayaga, conhecida mundialmente pelo pseudônimo de Gabriela Mistral, também terá um papel representativo no cenário cultural de seu país. Será a partir da obra de *Desolación* em 1922, publicada pelo *Instituto de las Españas em Nueva York*, como lembra Nuria Girona<sup>2</sup>, que Gabriela ganhará projeção literária, viajando por diversos países para proferir conferências, receber prêmios e homenagens. O trabalho em cargos oficiais e consulares permitirá à poetisa ter contato com personalidades de diferentes países, o que fortalecerá os seus laços de

<sup>1</sup> Doutoranda da F.C.L. UNESP- Assis. Bolsista CNPq. Professora colaboradora do Curso de Letras/Espanhol da UNIOESTE, *campus* de Cascavel. E-mail para contato: jacicarlasouza@ig.com.br

<sup>2</sup> GIRONA, Nuria. Introducción. In: MISTRAL, Gabriela. *Tala/Lagar*. 2.ed. Madrid: Cátedra, 2005, p.32.



amizade e o diálogo com intelectuais tanto do contexto europeu como latino-americano. Segundo destaca Horan e Meyer (2007), será durante o período compreendido entre 1926 e 1956, em que se concentra as cartas trocadas entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, que é possível observar essa intensa atividade intelectual da poetisa chilena:

Esos mismos años han recibido escasa atención por parte de los estudiosos de su obra, a pesar de que Gabriela publicó un promedio de cuatro artículos periodísticos por mes. En este tiempo se dedicó a hacer crónica de diversos aspectos de la experiencia de latinoamericanos en Europa, prestando especial atención a los libros, la gente y los lugares que pudieran interesar al creciente número de lectoras en Latinoamérica.<sup>3</sup>

Os assuntos que perpassam essas correspondências são bastante diversos, marcados pela grande cumplicidade entre as autoras. A partir dessas missivas nota-se o constante apoio dado por Victoria à poetisa chilena para que ela passasse a se dedicar mais a produção poética, o que resultará na publicação de *Tala* através da editora *Sur*, levando a obra a um reconhecimento internacional “*que resultó muy útil para obtener el Premio Nobel em 1945*”<sup>4</sup>, conforme salientam Elizabeth Horan e Doris Meyer. As autoras de *Esta América nuestra* também irão ressaltar em seu livro a troca de conselhos amorosos nessas cartas, em especial a de maio de 1938 destinada a Ocampo:

Yo no soy una entrometida, Vict., y suelo vivir con gente sin pedirles confianza de cierta clase y también apartándosela, evitándosela, cuando quieren poner cosas en mi mano. Pero ocurre todo lo contrario con los que me importan **en su salvación**. (Ríase Ud., si quiere, de la palabra...). En su salvación, Vict., que vale mucho, pero que suele, como en este caso, estar trezada por añadidura, con la salvación de otro. Yo iba a irme dejándola detrás de mí casi como esa horrible cosa que se llama “una relación literaria importante”. Exagero, bajé una octava, como siempre. Yo me he interesado aparte de señas de llegar ni tocar ni con una plumita... Ahora sí ya puedo, y aprovecho, con demasía, tal vez con grosería (en el sentido de abundancia) porque me voy y es bien probable que no vuelva a verla en este mundo. Voy a seguir el orden de su carta y a constertarle punto por punto antes de decirle lo que de veras me importa decirle.<sup>5</sup>

Como é possível observar no fragmento acima, Gabriela Mistral dará uma série de conselhos a Victoria acerca do seu relacionamento com o escritor argentino Eduardo Mallea, elencando de maneira minuciosa sua opinião sobre o caso. A significativa presença da figura da amiga, como também o tema amoroso nessa correspondência resgata os aspectos da própria tradição da narrativa epistolar. Ana L. Barquero em seu livro *La voz femenina en la narrativa epistolar* (2003) irá chamar a atenção para a maneira como os conflitos amorosos servirão como pano de fundo para a relação epistolar entre amigas: “*Aunque como solía ocurrir en las novelas de la tradición anterior construidas sobre el entramado de una relación epistolar amistosa, el amor aparezca siempre*

<sup>3</sup> MISTRAL, Gabriela; OCAMPO, Victoria. *Esta América Nuestra: correspondencia de 1926-1956*. Introducción y notas de Elizabeth Horan y Doris Meyer. Buenos Aires: El cuento de la Plata, 2007. p. 13.

<sup>4</sup> IBIDEM, p. 15.

<sup>5</sup> MISTRAL, Gabriela, op.cit, 2007, p.78, grifo do autor.



como telón de fondo esencial en sus vidas.”<sup>6</sup>. Ainda no que se refere aos elementos que caracterizam a narrativa epistolar, Barquero<sup>7</sup> também ressalta a contribuição deste gênero para os textos ficcionais e inclusive normativos, destacando a grandiosidade de autoras do universo hispânico que se dedicaram a esse tipo de produção.

Um outro aspecto que merece ser enfatizado no conteúdo das correspondências trocadas entre Mistral e Ocampo é justamente a ideia de América ou “americanidade” presente nas cartas. O próprio título do livro, em que estão recopiladas as missivas, já antecipa a presença dessa discussão em torno do conceito de América, dialogando, assim, com a célebre expressão martiniana “*Nuestra América*”. Conforme enfatiza Horan e Meyer:

Un imperativo constante de sus cartas fue la voluntad de definir la identidad americana más allá de las fronteras nacionales o sociales. Ambas veían esta labor como una misión civilizadora. Victoria y Gabriela fueron aún más allá, bregando por una “americanidad” que superara las limitaciones de la identidad nacional generalmente definida por lo masculino<sup>8</sup>.

Ao ter em conta o contexto latino-americano, sabe-se que as discussões que giram em torno da busca de uma identidade americana serão bastante evidenciadas no começo do século XX e se refletirão nos movimentos artísticos desse período, propiciando mudanças nas esferas culturais, como lembra Nuria Girona:

(profesionalización del escritor, aparición de campos culturales diferenciados, institucionalización literaria, afianzamiento del mercado editorial) y la emergencia de nuevos actores sociales, entre ellos, las mujeres, que visibilizan su presencia de integrarse al mundo laboral, al erigirse como público consumidor -entre otros productos, de cultura -, al acceder al campo intelectual o al participar en organizaciones socio-políticas reivindicativas.<sup>9</sup>

Diante desse cenário social em que as mulheres terão participação representativa, não restam dúvidas que o reconhecimento como intelectuais será um grande desafio, já que elas precisarão romper com as barreiras impostas pela hegemonia masculina.

Esse período de grandes transformações sociais na América Latina apresenta um conturbado momento político que também estará presente nas cartas trocadas entre Victoria Ocampo e Gabriela Mistral:

Mi viaje a Estados Unidos o a Europa no depende ya de mi voluntad. No sé si sabes que me han negado el pasaporte. [...] Estoy dispuesta a reclamar mi pasaporte, pues me lo deben. Mi único crimen es la libertad de pensamiento. Se los diré. Si me lo dan “tant mieux”. Pero si le ponen precio al papelucho, no pagaré el precio. No me vendo por un pasaporte. Ya te tendré al corriente de los acontecimientos, en términos velados, claro

<sup>6</sup> BAQUERO ESCUDERO, Ana L. *La voz femenina en la narrativa epistolar*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2003, p. 179.

<sup>7</sup> IBIDEM, p. 15.

<sup>8</sup> MISTRAL, Gabriela; OCAMPO, Victoria., op.cit., 2007, p.24.

<sup>9</sup> In: MISTRAL, Gabriela, op.cit., 2005, p.27.



está. Creo que la censura postal sigue. He encontrado quien eche esta carta al correo (Gustavo Pittalgo, que sale para La Habana).<sup>10</sup>

O tom de descontentamento diante da situação do seu país pode ser notado nessa correspondência enviada por Ocampo à Mistral em 29 de setembro de 1953. Nela é possível perceber o ambiente de censura. Esta mesma repressão confinará a intelectual argentina durante um mês de prisão ainda no ano de 1953. Tal experiência irá causar um grande impacto em Victoria que a partir deste acontecimento, como destaca Elizabeth Horan e Doris Meyer (2007), passa a defender de maneira acentuada os direitos da mulher e a justiça social.

Ainda neste mesmo ano de sua prisão, ela escreve para a autora de *Tala*:

... Dijo más adelante que así como se ha suprimido la oligarquía económica “vamos a suprimir también la **oligarquía cultural**, para reemplazarla como en los demás aspectos por la cultura que me interesa. Esto supone una profunda reforma y un gran trabajo. Pero nosotros, que hemos levantado todo eso que se levanta por el país, cómo no vamos a levantar lo demás; lo vamos a levantar igual.”<sup>11</sup>

A preocupação de Ocampo em torno da consolidação cultural de seu povo fica evidente neste trecho. Tal ideia ganha maiores dimensões na sua produção literária e na sua atividade intelectual, não se restringindo simplesmente ao seu país, mas também ao continente americano.

¡Ay!, cómo me ha gustado y cómo me gusta el gusto de estas tierras! ¿Sabes, Gabriela, que tenemos aquí muchas plantas del Cabo de Buena Esperanza y de Australia? Las hemos visto tanto que no imaginamos que no sean nuestras. ¿Te parece el eucalipto ese australiano, es menos **nuestro** que el aguaribay peruano o el timbó y la tipa argentinos? A mí no. Sí. Tendríamos que hablar mucho más de plantas. Mucho. Hasta nos haría olvidar lo demás.<sup>12</sup>

Neste comentário de Victoria, que integra parte de uma carta escrita a Mistral em 29 de setembro de 1953, ela de forma alegórica toca novamente no tema da formação mestiça dos povos americanos. A observação de Ocampo vai ao encontro do que Arturo Usler Pietri (1969) afirma sobre a concepção de “*Nuevo Mundo*”. Este, segundo o autor venezuelano, desde o começo com o encontro das culturas indígena e europeia caracterizou-se pela mestiçagem. O que se deu não foi nem a permanência do mundo indígena, nem a permanência da Europa, e sim a mistura desses dois mundos. Não cabem dúvidas de que esta ideia perpassa pelo questionamento do espaço ocupado pela cultura latino-americana em relação à cultura dominante europeia.

Assim como Ocampo, é possível observar um número significativo de intelectuais que irão questionar o posicionamento europeu em relação à cultura dos povos americanos, tentando

<sup>10</sup> MISTRAL, Gabriela; OCAMPO, Victoria. op.cit., p.227.

<sup>11</sup> IBIDEM, p. 229, grifo do autor.

<sup>12</sup> IBIDEM, p.228.



desmitificar algumas construções presentes no imaginário do homem europeu. Essa mesma preocupação em discutir os problemas “americanos”, também presente na produção de Gabriela Mistral, corresponderia a um dos elementos responsáveis pela grande atividade intelectual desempenhada pelas autoras chilena e argentina.

No que tange aos aspectos relacionados à produção epistolar produzida por mulheres, vale destacar os comentários de Carmen Martín Gaité:

Sin duda que la forma epistolar ha debido ser para las mujeres la primera y más idónea de sus capacidades literarias. Con quien más gusta hablar de las tribulaciones del alma es con el causante de esas tribulaciones [...] Pero si desaparece o no ha existido nunca ese “tú” ideal de receptor del mensaje, la necesidad de interlocución, de confianza, lleva a inventarlo. O dicho con otras palabras, es la búsqueda apasionada de ese “tú” hilo conductor del discurso femenino.<sup>13</sup>

Como destaca a escritora espanhola no trecho acima, a prática da escritura epistolar servirá para que as mulheres coloquem em exercício as suas atividades literárias e consigam romper com a condição de confinamento que foram submetidas historicamente.

É a partir dessa devoção, se assim pode-se dizer, pela “arte de escrever cartas” que Victoria Ocampo e Gabriela Mistral irão esboçar temas presentes em suas obras e revelar o modo como se articulavam frente a questões recorrentes naquele momento tanto no âmbito político quanto cultural da América Latina. Diante da significativa produção epistolar deixada por essas autoras, torna-se fundamental analisá-la como forma de ampliar o conhecimento acerca de suas obras, como também perceber o importante papel que elas desempenharam no cenário intelectual latino-americano no século XX. Nesse sentido, os estudos que se voltam para o universo epistolar parecem desafiar essa era digital, em que ainda predomina “*en el hombre la sed de la nostalgia y la memoria*”<sup>14</sup>.

### *Bibliografía*

BAQUERO ESCUDERO, Ana L. *La voz femenina en la narrativa epistolar*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2003.

GIRONA, Nuria. Introducción. In: MISTRAL, Gabriela. *Tala/Lagar*. 2.ed. Madrid: Cátedra, 2005.

MISTRAL, Gabriela; OCAMPO, Victoria. *Esta América Nuestra: correspondencia de 1926-1956*. Introducción y notas de Elizabeth Horan y Doris Meyer. Buenos Aires: El cuento de la Plata, 2007.

SARLO, Beatriz. *La máquina cultural - maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Aires: Ariel: 1998.

<sup>13</sup> MARTÍN GAITE, Carmen. Prólogo. *Cartas de amor de la monja portuguesa Mariana Alconforado*. Barcelona: Círculo de Lectores, 2000, p.32 apud BAQUERO ESCUDERO, Ana L., op.cit., p.179.

<sup>14</sup> VIAL, Sara. Sobrevivencia de la carta y auge del epistolario”. In: NERUDA, Pablo. *Cartas a Gabriela*. Correspondencia com Gabriela Mistral. Santiago: RIL, 2009. p.15.



\_\_\_\_\_. La perspectiva americana en los primeros años de *Sur. Punto de Vista*, Buenos Aires, ano VI, n.17, 1983.

USLAR PIETRI, Arturo. El mestizaje y el nuevo mundo. In: \_\_\_\_\_. *En busca del Nuevo Mundo*. México: FCE, 1969. p.9-26.

VIAL, Sara. Sobrevivencia de la carta y auge del epistolario. In: NERUDA, Pablo. *Cartas a Gabriela*. Correspondencia con Gabriela Mistral. Selección, introducción y notas de Abraham Quezada Vergara. Santiago: RIL, 2009. p.15-19.